

COSMOLOGIA: A SINFONIA TRÁGICA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Gledinélio Silva Santos

Resumo: O presente estudo sobre a Filosofia da Natureza busca analisar o pensamento cosmológico-estético do filósofo Arthur Schopenhauer, observando tanto a forma linguística utilizada em sua obra, carregada de metáfora musical, quanto à questão trágica que a existência carrega *em si* na sua cosmologia. Para Schopenhauer, a natureza é um campo de batalhas, onde a vida e a morte guerreiam perpetuamente com violência e dor. Neste compasso, a vida é regida por uma Vontade *grundlos* e selvagem; e o sentido da existência carrega um *núcleo obscuro* cuja possibilidade de vislumbrá-lo está em um sentido metafísico-estético. A energia rítmica que Schopenhauer impõe à pena revela que sua escrita não segue uma estrutura rígida, estática. Ela flui como num encadeamento musical, composto de ciclos que variam dentro do campo harmônico de uma peça sinfônica; caracterizada pela contemplação da beleza e do horror da existência.

Palavras-chaves: Cosmologia; Existência; Música; Trágico.

Abstract: The present study on the Philosophy of Nature analyzes the cosmological-aesthetic thought of the philosopher Arthur Schopenhauer. Observing both the linguistic form used in his work, full of musical metaphor, as the question tragic that the existence carries *itself* in his cosmology. For Schopenhauer, nature is a battlefield, where life and death promotes a war with violence and pain. To this extent, life is governed by a Will (*grundlos*) and savage, and the meaning of existence loads a *obscure nucleus* whose possibility to glimpse is at a sense metaphysical-aesthetic. The rhythmic energy that Schopenhauer imposes to the feather reveals that your writing does not follow a rigid, static structure. It flows like in a musical chaining composed of cycles that vary within the field harmonic of a symphonic piece, characterized by contemplation of beauty and horror of existence.

Keywords: Cosmology; Existence; Music; Tragic.

ANTÍFONA¹ - O ESPECULATIVO, O EMPÍRICO E O META-EMPÍRICO

Arthur Schopenhauer não só viveu no período em que o biógrafo Rüdiger Safranski chamou de: “os anos mais selvagens da filosofia²”, mas acompanhou atentamente o que, possivelmente, foi o limiar da ciência moderna, ou seja, o transcurso histórico em que o movimento transitivo da investigação especulativa e meta-empírica para a investigação puramente empírica sobre as questões, que constituem o mundo e tudo o que nele existe, estendeu-se do campo filosófico para o campo das ciências tradicionais, como a física e a química, até chegar às suas inúmeras derivações, hoje conhecidas (tais como a física-quântica, bioquímica, biotecnologia, etc.). Neste ínterim, o duelo antifonal regido por Schopenhauer remonta, de forma sistemática, às questões consonantes, reverberado com dissonância³ pela ciência e pela filosofia. A antífona desse duelo cuja intensidade é explícita no *Parerga und paralipomena*, revela o cenário no qual Schopenhauer executou seu concerto⁴, em *O mundo como vontade e como representação*, publicado em 1819.

Em seu texto, *Sobre a filosofia e a ciência da natureza*, contido no *Parerga*, Schopenhauer discorre sobre as concepções cosmogônicas e cosmológicas legadas pela tradição filosófica, observadas, em pleno século XIX, e, fatalmente consumadas em nossos dias, que estão na matéria de pesquisa – a filosofia da natureza –, ou seja, a investigação acerca da origem do sistema dos planetas, a significação do mundo e da existência, enfim, de todo o *kosmo* (κόσμος), que vai da estrutura universal, desde o micro ao macrocosmo. Esta ficou à margem dos estudos da filosofia “moderna”; em parte, por conta da ascensão das ciências; n’outra, pelo próprio desinteresse dos professores de filosofia de seu tempo, restringindo, assim, esse problema para a academia, por considerarem que não caberia à filosofia responder determinadas questões às quais a ciência poderia responder com maior propriedade, ou precisão.

Schopenhauer observa, de forma fatalista (inevitável e nefasto), não pelo fato característico de sua filosofia pessimista, mas, sobretudo, pela própria configuração lógica dos fatos que revelam, para onde caminha a educação e, por conseguinte, o homem; pois, segundo ele: “esse século está determinado a nos deixar ver para onde leva a experimentação sem o pensamento, e o que resulta de uma educação para a juventude que

¹ Em teoria musical a antífona é uma consonância de várias vozes cantando em oitavas, ou em oitavas duplas, onde o corista da o tom inicial para que os demais continuem a cantar, repetindo integralmente ou alternadamente as frases iniciais do canto. Nesta introdução o termo é utilizado para representar o panorama da argumentação feita por Schopenhauer sobre filosofia e ciência. Entendendo a filosofia como aquela que deu o tom inicial, e/ou, a que primeiro levantou as grandes questões da humanidade. Sendo a antífona entendida também como uma batalha de vozes, a Filosofia da Natureza de Schopenhauer ilustra esta batalha entre estes dois campos do saber.

² *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

³ Segundo o conceito teórico do termo, a dissonância é um intervalo que não satisfaz a ideia de repouso e pede resolução numa consonância.

⁴ Aqui a ideia de *concerto* adotada para referenciar à obra de Schopenhauer parte da ideia concebida de que a elaboração das suas reflexões são estruturadas como na de uma peça sinfônica.

se limita à física e à química” (SCHOPENHAUER, 2010, p. 159). O que se percebe é uma ciência que evolui, continuamente, em prol da própria ciência irreflexiva, à margem dos interesses sociais, atrelada, em muitos casos, aos interesses das indústrias farmacológicas e de bens de consumo de modo geral, que incutem no subconsciente da massa consumidora uma falsa necessidade dos seus produtos. Causando uma fragmentação no pensamento do homem moderno, um operário padrão, subproduto de uma educação que visa atender aos interesses do mercado formando mão de obra qualificada tecnicamente, porém, desprovido de criticidade (o que mais tarde não só será criticado por Gérard Fourez em seu livro: *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências* (1995), bem como será o norte da proposta pedagógica de Paulo Freire, por uma educação libertadora).

Entendendo essa questão como um processo transitivo, considerado por muitos um processo natural da ciência especulativa dos antigos filósofos gregos pré-socráticos (os chamados: filósofos da natureza), para a ciência empírico-formal, tal ação culminou em uma dicotomia curiosa, na medida em que, mesmo que a filosofia e a ciência estivessem olhando e seguindo a mesma direção, ambas seguiram como se a outra não existisse. A crítica que Schopenhauer faz sobre as ciências refere-se à superficialidade com que ela responde sobre as questões que são paradigmáticas em toda história da filosofia; problemas essencialmente metafísicos, como afirma Schopenhauer (2010, p. 194):

se a simples física fosse capaz de resolvê-la esse problema ela já estaria próxima de fazê-lo [...] a essência em si das forças naturais e o ser condicionado do mundo objetivo pelo intelecto, ao que se liga ainda a falta de começo certa, *a priori* tanto da série causal quanto da matéria, despoja a física de toda independência ou são o caule pelo qual o lótus da física se enraíza no solo da metafísica.

Essa menção à flor de lótus, não só remete ao apressamento pelo qual Schopenhauer nutre pelo Budismo, mas remete à alusão metafórica que o filósofo usa para ilustrar a superestimação do homem moderno para com a ciência, comparando-a com a beleza da flor, em detrimento da visão pejorativa que a filosofia passou a ser vista, sendo a lótus o símbolo de pureza que não se deixa contaminar pela podridão da lama na qual nascera – a filosofia –, cria-se nesta representação uma necessidade irônica da flor para com o terreno que a gerou e a nutriu. Entretanto, ainda aproveitando esta metáfora, percebe-se que o problema não é meramente empírico, na medida em que, nessa estrutura elaborada por Schopenhauer, existe *a essência, o ser cognocente e o nada*, como o sustentáculo de uma ciência que possui, antes de tudo, uma base metafísica.

Nesta perspectiva, e não pelos mesmos motivos, Schopenhauer encarou a filosofia alemã do seu tempo com uma profunda repulsa, sobretudo para com os racionalistas alemães cuja escrita ele considerava truncada, enrijecida, de difícil compreensão. Sem ter

o conhecimento, Schopenhauer dá início àquilo que Nietzsche executará com maestria, aqui – na falta de um melhor termo – denominado de: *filosofia poética*. Para Schopenhauer, a filosofia deve abranger os extremos das lágrimas, do choro e do ranger de dentes, sem abster-se de uma análise concreta do homicídio social recíproco e universal, pois, de outro modo, tal filosofia não pode ser considerada, absolutamente, uma filosofia. Talvez isso explique, em certa medida, o motivo pelo qual sua obra atraiu mais os artistas de toda Europa do que os acadêmicos do seu tempo.

PRELÚDIO – A METÁFORA MUSICAL

Embora o fito noutros comentários seja o seu pessimismo, dizer que o filósofo Arthur Schopenhauer tem uma visão estética da vida poderia ser a premissa maior da narrativa do presente texto. Sublinhando que, para o filósofo, o mundo é constituído de uma ordem regida por uma *Vontade*. Esta, no compasso do pendulo oscilante, entre o sofrimento e a dor, reforça o argumento primeiro, atenuando, desta forma, a não percepção de tal visão estética deste *filósofo do choro e ranger de dentes*; por conta do senso comum que se têm da estética ser diretamente ligada ao belo – entendendo este como algo bonito, o que, em certa medida está ligado. No entanto, em Schopenhauer, a estética é uma investigação sobre o belo e o sublime, com base profunda do que expos Edmund Burke, em sua obra *Investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do Sublime e do Belo* (1757).

Porém, ainda que a vida seja um combate perpétuo pela sobrevivência, para Schopenhauer, o absurdo da existência ganha sentido por meio de três vias distintas: a ascese, a ética e a estética. Estes conceitos estão distribuídos nos quatro livros que compõe *O mundo...* Schopenhauer o escreve tratando sobre temas clássicos da filosofia (*teoria do conhecimento, filosofia da natureza, estética e ética*) como se fossem um *pensamento único*, de modo que os quatro livros que o compõe pudessem ser lidos aleatoriamente, podendo ser iniciada a leitura a partir de qualquer um dos livros, sem que o leitor se perdesse na argumentação. Para Thomas Mann, a obra de Schopenhauer é como uma sinfonia em quatro movimentos, referindo-se aos quatro livros que compõem seu livro *O mundo...*, no qual o terceiro, a metafísica do belo, ou seja, sua estética, Mann elevou a música a um patamar até então não dedicado por seus antecessores.

Unido à ideia de criar um pensamento único, as metáforas de um modo geral são um recurso bastante utilizado por Schopenhauer, característica que lhe é cara. Sobretudo as metáforas musicais, usadas para falar da estrutura da natureza. Segundo o autor (SCHOPENHAUER, 2005, p. 219):

os reinos da natureza formam uma pirâmide, cujo ápice é o homem [...] os fenômenos desses reinos acompanham o do homem tão necessariamente quanto todas as inumeráveis graduações da penumbra acompanham a plena luz do dia, e pelas quais esta se perde na escuridão. Ou ainda se pode chamá-los ecos do homem e dizer: animais e plantas são a terceira inferiores do homem, enquanto o reino inorgânico é a oitava baixa.

Aqui, a pirâmide que serve como exemplo para ilustrar a hierarquia das coisas não ligar expressamente a ideia de um antropocentrismo, mas alude para uma concepção de que toda ação humana reflete diretamente na natureza – como de fato; daí a metáfora do homem como a tônica dessa harmonia, entendendo, assim, a existência como um *cosmos*. Essa estrutura harmônica, da formação básica de uma acorde menor, cujo homem é a tônica modal, representa a exemplificação mais prática adotada por Schopenhauer para ilustrar sua representação sobre a natureza. Para ele, o espetáculo da vida inicia-se em *Ré menor*, como na abertura de Dom Juan. De outra forma, não poderia ser, ante ao terror que o transcurso da vida reserva a todas as espécies. Como músico, ele assim constrói seu pensamento como quem transcreve uma melodia numa partitura. Para José Thomas Brum (1998, p.28), “essa visão hierárquica dos seres vivos como uma totalidade harmoniosa recobre [...] o horror da vontade grundlos [...] Tudo se passa como se toda a violência da luta pela vida [...] se tornasse uma harmonia que “acompanha” o homem”. Destarte, assim compreendemos a natureza, aceitando toda violência deferida no reino animal do qual o homem é mais uma espécie nativa e de onde, desde os primórdios, tentamos dissociá-lo a todo custo, apartando-o de tudo o que remete a uma condição bestial (selvagem).

Toda violência no reino animal na busca pela preservação da espécie é uma ação praticada, de igual modo, pelo homem, movido por uma Vontade cega e sem razão. No momento em que o homem assume a condição de ser a única espécie dotada de racionalidade, lhe concede, por sentença definitiva, a superioridade no reino animal, o lugar de espécie dominante, como observa Schopenhauer (2005, p. 219):

a melodia encadeada em notas altas, ágeis, deve em certo sentido ser vista como expondo a vida e o esforço do homem encadeados pela reflexão; por outro lado, as vozes soltas e o baixo que se move gravemente, do qual procede a harmonia, necessária para a plenitude da música, estampam o restante da natureza animal e da natureza destituída de conhecimento.

Se o homem, entendido como o *tom* – a nota principal, é aquele que dita o compasso e a natureza é o baixo e as vozes soltas, esse mesmo homem necessita da harmonia (animais e plantas) para ser pleno, pois, o homem, por si só, não basta. Explicado isso de outra forma, alogicamente e de forma geral, Schopenhauer retoma as questões mais tênues na história da humanidade: *o sentido da vida*. Nesta perspectiva, ele

se considera o último dos filósofos clássicos, não só pelo tema tratado em sua obra, mas pelo conjunto dela, e, sobretudo, por saber que a filosofia não deverá ser a mesma a partir dali.

INTERLÚDIO – O NÚCLEO OSCURO DA EXISTÊNCIA

Para Schopenhauer, o homem é natureza, conflito, violência, e está submisso à uma *Vontade* que se divorcia dela mesma, faceado em um mundo humano (social, cultural), reprodutor do conflito presente na luta das espécies. Uma luta vã (*grundlos* – sem razão) e selvagem da vontade; uma perspectiva do nada, da ausência de finalidade de tudo o que existe. Um mundo sem “propósito”, a irreversível corrida para a morte, que se contrasta com a vontade de vida, revelando-se autodestruidora, antagônica, paradoxal: a busca da vida causando a morte. Esses eventos que permanecem ocultos para a ciência, leva Schopenhauer a afirmar que é na metafísica, e, posteriormente, na estética, que o substrato deste núcleo é apreensível. Segundo o autor (SCHOPENHAUER, 2010, p. 192-193):

por isso esses eventos conservam sempre [...] um núcleo obscuro, como um segredo pesado e no fundo inescrutável [...] existência necessariamente sem começo, portanto, incompreensível de tais forças – núcleo obscuro impossível de esclarecer pela via empírica. Por isso tem que aparecer aqui a metafísica que reconhece em nosso próprio ser o núcleo de todas as coisas na *vontade* [...] essa explicação física do mundo obtida com tanto dispêndio de esforço e perspicácia se revela insuficiente e até mesmo superficial e se torna de certo modo uma mera pseudoexplicação, pois se baseia em uma remissão a grandezas desconhecidas, a *qualitates occultae*.

Para Schopenhauer, a música é, essencialmente, metafísica e objeto metafísico por excelência, ou, utilizando propriamente o neologismo por ele criado, a essência objetiva-se, torna-se objeto (representação) ela é a objetividade⁵, metafísica por excelência, assim como o corpo é a objetividade da Vontade. Para ele, o objeto da arte é a essência íntima das coisas apreendido pelo artista, absorto na contemplação do belo, pois. “a arte repete em suas obras as ideias apreendidas por pura contemplação, o essencial e permanente de todos os fenômenos do mundo” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 58). Diferente das considerações cosmogônicas acerca da essência de todas as coisas, assim como da própria ciência, diz Schopenhauer (2010, p. 191) que:

⁵ “Objetividade” é um neologismo de Schopenhauer que não deve ser confundido com “objetividade” ou “objetivação”. O primeiro termo refere-se aos diversos graus de objeto entre a vontade e representação, sobretudo, o corpo e as Ideias. Objetividade refere-se a propriedade de ser um objeto (material) para o sujeito, uma representação de primeira classe. Objetivação é o processo pelo qual as objetividades ganham objetividade (MOREIRA, 2010, p. 65).

uma explicação *física* da origem do mundo, por mais exaustiva que possa ser jamais suprime a exigência por uma explicação *metafísica*, ou toma o lugar da mesma. Pelo contrário, quanto mais examinamos o fenômeno mais claramente notamos que lidamos apenas com ele e não com a essência das coisas em si mesmas. [...] os enigmas e os problemas da metafísica: a essência íntima daquelas forças naturais cujo cego agir constrói a estrutura de um mundo tão conforme e afins).

Para Jair Barboza (2003), na apresentação feita em sua tradução da *Metafísica do belo*, livro composto por preleções de Schopenhauer lidas na Universidade de Berlim no ano de 1820 cujo corpo textual é o próprio livro III de *O mundo*, Schopenhauer debruçará sobre as questões levantadas por Kant em suas críticas. Sobretudo, aquilo que Kant chama de *enigma do mundo* ou *a coisa em si*. Porém, de uma forma distinta e crucial, não só para a obra schopenhaueriana, mas para toda filosofia, dando ao corpo e ao sentimento a devida atenção, até então tratada com indiferença, “a metafísica da natureza de Schopenhauer pretende decifrar o enigma do mundo, não pelo conhecimento racional – pois a razão foi despotenciada –, como o teriam feito seus antecessores idealistas, mas pelo corpo e pelo sentimento” (BARBOZA, 2003, p. 12). Para Schopenhauer, o mundo, como tal, só existe na representação e, enquanto tal, necessita de um sujeito cognocente para representá-lo, sujeito esse, dotado de um corpo que é a objetivação da Vontade, entendida como a essência de todas as coisas que move o mundo.

Como visto, tanto a ciência quanto a filosofia digladiaram-se em meio a essas questões marcadas pela inconsistência de argumentos que tentam findá-las. Ressaltando Schopenhauer que a ciência “compreendida como conhecimento sistemático guiado pelo fio condutor do princípio de razão, nunca alcança um fim último, nem pode fornecer uma explicação completa e suficiente, porque jamais toca a essência mais íntima do mundo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 73). Assim, afirma Schopenhauer (2010, p. 156-157) que:

de modo geral, não é a observação de fenômenos raros e escondidos que só são apresentáveis por meio de experimentos que serve para a descoberta das *mais importantes* verdades, mas a observação daqueles fenômenos que são evidentes e acessíveis a todos. Por isso a tarefa não é ver o que ninguém viu ainda, mas pensar aquilo que ninguém pensou a respeito daquilo que todo mundo vê. (grifos do autor)

Este não é, tão somente, o papel da filosofia, mas a de todo e qualquer ser cognocente: *pensar diferente sobre aquilo que todos veem*. E, não somente, reproduzir o pensamento, sem antes colocá-lo em xeque. Não por acaso, este tem sido o paradigma da educacional vigente, na medida em que ela mesma se torna objeto de discussão, a fim de não tornar-se mera reprodutora de conhecimento e, sim, de ser uma colaboradora no processo de construção do saber. Esta questão não é pertinente apenas na educação, mas na própria filosofia e nas ciências. Embora mesmo que todo homem seja, por natureza,

dotado desta capacidade reflexiva, Schopenhauer distinguirá o homem em dois tipos: o homem comum, e o *puro sujeito do conhecer*. Este último, sendo àquele cuja ação contemplativa coloca-o em contato com a essência das coisas.

POSLÚDIO – A CATARSE DO PURO SUJEITO DO CONHECER

A música é o meio pelo qual é possível obter o substrato da essência das coisas. Tal definição é a que encontramos na leitura da obra de Schopenhauer. Sobretudo, no terceiro livro de *O mundo...*, dedicado à *Filosofia do belo* (sua estética). Nela, Schopenhauer apresenta-nos o que ele denominou de *puro sujeito do conhecer*, o correlato oposto do *homem comum*, que não se apega demasiadamente aos prazeres da vida, fugindo do aborrecimento, apático e irreflexivo. Neste sentido, a música tem não só o mesmo valor postulado por Platão, na sua *Política*, quanto ao processo de formação do cidadão grego. Como moderadora do espírito, ela ganha, em Schopenhauer, o caráter de objetivação do ideal transcendente e, por conseguinte, a condição na qual ocorre o contato íntimo com a essência do belo – ou a *ideia*. Segundo o autor (SCHOPENHAUER, 2003, p. 45):

o conhecimento se liberta da servidão da Vontade: justamente por aí o sujeito de tal conhecimento cessa de ser indivíduo, cessa de conhecer meras relações em conformidade com o princípio de razão, cessa de conhecer nas coisas só os motivos de sua vontade, tornando-se *puro sujeito do conhecimento destituído de Vontade*: como tal, ele concebe em fixa contemplação o objeto que lhe é oferecido, exterior à conexão com outros objetos, ele repousa nessa contemplação, absorve-se nela. O que exige uma ocupação detida, que a princípio lhe é estranha. Trata-se da intuição estética das coisas.

Tal intuição estética emana da relação do sujeito perdido na contemplação da obra de arte; relação essa estabelecida na medida em que a arte surge ou torna-se o resultado da relação dela com seu criador, pois, “sua única origem é o conhecimento da ideia; seu único fim, a comunicação desse conhecimento” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 58). Conhecimento apreendido pelo gênio, ou seja, pelo *puro sujeito do conhecer*. Como afirma Schopenhauer (2003, p. 62):

para que o gênio apareça num indivíduo, a este tem de caber uma medida das faculdades de conhecimento que ultrapassa em muito aquela exigida para o serviço da vontade individual; tal excedente de conhecimento torna-se livre (da servidão da vontade), permanecendo, por consequência, como puro sujeito do conhecimento, espelho límpido da essência do mundo. [...] se o gênio se encontra em sua atividade, opera-se nele precisamente aquele excedente da faculdade de conhecimento, a qual é orientada para a essência do mundo, e a própria pessoa é esquecida. Esse é o instante da concepção das obras de arte, do entusiasmo.

No entanto, há que se apontar para a inquisição da própria arte, sobretudo quando ela passa a ser fruto do interesse de outras menções que não seja a própria arte. Refletindo, de tal modo, na sua decadência, que será criticada posteriormente por Richard Wagner e Friedrich Nietzsche, é que acompanhou a decadência do próprio homem. Isso se deu, de tal modo, que é mister ver nessa dinâmica cuja a relação aí estabelecida não só é plena, mas indelével ou perene, ao ponto da reconstrução de que um depende, necessariamente, da revitalização do outro.

O homem é a única espécie capaz de *produzir* arte e de ser *reproduzido* por ela, na medida em que ela o transforma ou o educa, como na *Paideia*, dos gregos. Diz a tese principal de Schopenhauer (2005, p.75): “o mundo é absolutamente representação, e precisa, enquanto tal, do sujeito que conhece como sustentáculo de sua existência”. Destarte, Schopenhauer compõe sua obra salientando que, na base de sua filosofia, o caráter trágico da vida está introduzido, de forma intravenosa, no princípio volitivo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clément Rosset, em um de seus textos dedicados a Schopenhauer, mais precisamente em *Schopenhauer, filósofo do absurdo* (1994), chama a atenção para o desprezo que este filósofo sofreu em seu tempo. Mesmo tendo deixado sua marca indelével na história da filosofia, com abordagem de uma filosofia genealógica que, admita-se ou não, tenha sido a precursora, direta ou indiretamente, dos genealogistas Marx, Nietzsche e Freud, a tradição seguiu como se ele nada tivesse escrito, sublinha Rosset, enfatizando que sua amargura caricatural chegaria ao extremo na atualidade, ao ver esta mesma filosofia trilhando os caminhos por ele traçados, sem, ao menos, referenciá-lo. Parte dessa repulsa, ou do desdém de sua obra, assemelha-se, em muito, com as palavras de Paulo Freire, contidas em seu livro *Pedagogia da autonomia* (2011), quando ele observa que temos por hábito basear nossas críticas a um autor na mera leitura de uma de suas obras ou n’outra; e que esse despautério agrava-se ainda mais quando lemos a crítica feita por alguém que somente leu a contracapa de um de seus livros.

Aqui, nosso ímpeto foi o de revelar o já vislumbrado, apresentado de forma desnuda, o que muitos já reconheceram, intimamente, por conta da proximidade com que a obra schopenhaueriana lhes têm. Para os artistas, ler a obra deste *filósofo do absurdo* é ouvir a sua música, sua sinfonia trágica, que deixa absorto todo aquele que permite abandonar-se na contemplação, tal qual ao *puro sujeito do conhecer*.

Os caminhos pelo qual a filosofia e a ciência hão de percorrer nos são incógnitos. Assim como é incerto a história que o homem há de traçar, ainda que o cenário por ele esboçado, até então, seja um dos mais devassadores e/ou bestiais, de todos os tempos. No entanto, longe de ser uma resposta definitiva a toda essa conjuntura, a obra de Schopenhauer retoma as grandes questões da tradição sem deixar de ser atual, ou de se perder inteiramente no agora. A beleza e o horror da vida, descritos em *O mundo...*, é o que fez surgir e o que dá sentido à filosofia para Schopenhauer. A seriedade com que ele observou o homem, o mundo e a vida, a sua filosofia que mostra o absurdo da existência desprovida de finalidade é, de fato, o que tanto incomoda uma sociedade que engana a si mesmo, apoiando-se em um positivismo ingênuo e irracional, valeu-lhe a alcunha de filósofo pessimista.

Se o mundo é Vontade e representação, como a sinfonia trágica de Schopenhauer, a trilha para o espetáculo está composta. Escute-a!

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- BARBOZA, Jair. Apresentação. In: SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do belo**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 12-13.
- BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche**. Rio de Janeiro, 1998.
- MOREIRA, F. de Sá. **Schopenhauer entre Locke e Berkeley**. *Argumentos*, Ceará, Ano 2, Nº. 3, p. 65, 2010.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia**. São Paulo: Geração editora, 2011.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do belo**. São Paulo: UNESP, 2003.
- _____. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. **Sobre a filosofia e seu método**. São Paulo: Hedra, 2010.